

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV
N.º 676

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
OSÉCULO

DESOBEDIÊNCIA FATAL

Por ALBERTO PALHAS

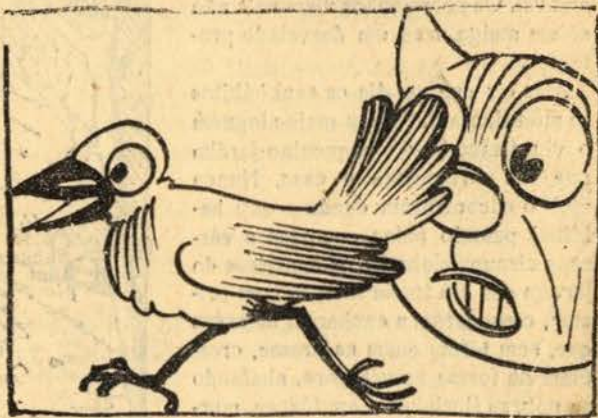
NUM pequenino recanto do nosso país, existia uma aldeia que mais parecia um desses desenhos que ilustram os contos de fadas. Por toda a parte só havia flores e a passarada cantava alegremente, agradecendo a Deus a paz que emanava naquele lugar. Os homens, ainda o sol não tinha nascido, já iam, contentes, para a faina nos campos, onde crescia o trigo abundantemente. As raparigas, aos bandos, iam cantando enquanto se dirigiam para a fonte com os cântaros à cabeça.

Por todos os lados que se olhasse, só se sentia a alegria franca de um povo que vive contente sem preocupações.

A casa onde morava a tia Rosária, destacava-se das outras, pois, no verão, as roseiras, que trepavam pelas paredes caídas, desabrochavam rosas, de todos os tons e matizes, que nenhuma outra conseguia igualar.

No beiral do telhado, tinham vindo estabelecer residência um casal de pardais. Estes tinham três filhos: três pardalitos que só pensavam na paparoca. Quando já estavam mais crescidinhos, começaram a ensaiar os seus primeiros vôos em companhia de sua mãe. Esta via-se muito aflita por um deles ser muito irrequieto e querer andar já sozinho pelo quintal. A mãe bem lhe dava bons conselhos: — «Que ele era ainda muito novo, que não conhecia os perigos que se encontravam escondidos a cada canto.»

Um dia, enquanto a mãe tinha ido procurar alimento para lhes dar, o pardalito aproveitou a ocasião para dar uma voltinha... Ainda em vôo incerto, foi poisar numa ár-



vore do quintal, que se encontrava em frente da casa. Depois, saltou para o chão e pôs-se a saltitar, muito contente, por mostrar aos outros que já não precisava da companhia de ninguém.

Não reparou, porém, no Tareco, um gato muito preto, grande apreciador de pardais que, vendo cair tão belo presente do céu, aos trambolhões, ficou radiante. Um momento depois, já o pardal desobediente estava na sua boca e, em menos tempo do que o que leva a contar esta história já ele tinha desaparecido pela goela esfomeada do bichano.

Esta história ensina-vos que nunca deveis desobedecer aos conselhos que vos dão vossas mães; senão acontece-vos o mesmo que ao pardal desobediente.

■ ■ F I M ■ ■



NATAL

Por FELIZ VENTURA

ISTO que vou contar, meus meninos, passou-se há muitos anos nas poéticas e lindas terras da Palestina, nesse país bendito em que nasceu Jesus.

Na pequena aldeia de Belém vivia há muito um pobre velho, já alquebrado pela idade, a quem todos respeitavam pelos bons conselhos que dava e também pelo seu bom coração.

Nunca ninguém ainda o vira maltratar fôsse quem fôsse. Tinha sempre para todos um sorriso e uma frase amável. Os pobrezinhos viam nele não só um amigo, mas um desvelado protector.

Mas eis que um dia os seus hábitos se modificaram. Nunca mais ninguém o viu tratando do pequenino jardim que lhe circundava a casa. Nunca mais o encontraram dando o seu habitual passeio pelas encostas e várzeas circunvizinhas, e os canteiros do jardim que êle trazia sempre num primor, começaram a encher-se de ervas que, sem terem quem as tirasse, cresciam de forma assustadora, abafando as pobres florinhas. Sem forças, murchavam, dia a dia, cada vez mais. É que o seu dono passava, agora, os dias e a maior parte das noites, olhando atentamente para o céu, como procurando um ponto distante que ainda não divisara.

Ora, uma tarde, em que o sol já declinava no horizonte, uma rapariga, ao passar em frente do pequeno jardim do santo homem (como na aldeia já o tratavam) viu êste sentado num rústico banco, olhando, fixamente, o céu enquanto murmurava:

— «Ele virá? Diz-me o coração que sim!»

Foi o bastante para todos suspeitarem que a idade ou algum oculto desgosto lhe tinham transtornado o juízo. Tôda a gente o lastimava e o olhava



com piedade. Mas as surpresas ainda não ficavam por aqui.

Passaram tempos sem que mais nenhuma novidade viesse perturbar os pacatos habitantes de Belém.

Mas, numa noite fria de Dezembro em que a neve caía em flocos do céu estrelado, algumas pessoas, que recolhiam a casa, viram o velho correndo quanto as suas trôpegas pernas podiam suportar, balbuciando, com voz rouca, cheia de comoção:

— «Já veio, já veio! Bendito seja o Senhor!...»



E tôda a gente correu em sua direcção, deparando-se-lhe, aos olhos surpresos, um pequeno casebre sem conforto algum, onde, sobre uma mangedoura, entre palha e feno, sorria a todos uma linda criança, ao mesmo tempo que, ao lado, com uma expressão doce no olhar, uma vaca branca e uma mulhinha castanha o bafejavam com todo o carinho.

E áquela hora, por tôda a amplidão da terra, corria de boca em boca:

— «Nasceu o nosso rei! Nasceu o Salvador. Bendito seja!» E os passarinhos voando, em revoada, chilreavam em doida alegria, como querendo dizer:

— «Que linda criança! É o nosso rei. Ide vêr... Ide vêr!...»

E tôda a gente, rica ou pobre, nobre ou plebeia, acorria a vêr aquela maravilha, enquanto a neve, continuamente, silenciosamente, caía, caía, atapetando tudo com o seu alvo lençol.

F I M



No próximo número a habitual secção

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Que não publicamos hoje, por falta de espaço.

NA VÉSPERA DO NATAL

Por JOSINO AMADO



NESSA manhã sombria, enregelada,
Véspera do Natal, Dezembro algente,
Mal chega a casa, a filha da morgada
Beija a mãezinha e diz-lhe, tristemente:

— «Hoje chorou na escola a Abandonada,
Quando a mestra nos disse alegremente:
«Não se esqueça de pôr a pequenada
Os sapatos no lar... Terão presente!»

— «Porque choras?... E logo neste dia...
Em que Deus enche as almas de alegria!»—
Diz-lhe a mestra, fazendo-lhe carinhos.

— «Choro porque não tenho, com certeza,
Presente de Natal!... Oh! que tristeza!...
Só se puser no lar os meus pezinhos!»

— «Não chores, minha flor, que Deus consola
Quem, como tu, é boa, agradecida!

Terás calçado, mas não é esmola
O que vais receber, minha querida,
É solidariedade, que acrisola
Os corações de quem entende a vida.»

E da Caixa Escolar tirou dinheiro,
Com que mandou comprar, num sapateiro,
Botinhas de excelente cabedal.

«Dê-me, agora, mamã, qualquer coisinha
Que eu levarei à avó da pobrezinha,
Para que a dê à neta o Pai Natal!»

II

F

I

M

Um silêncio profundo encheu a escola,
E a mestra diz à pobre, comovida:

Lê, minha menina...



Por GRACIETTE BRANCO

Minha querida Menina Portuguesa:

— Há tanto tempo já que não converso contigo, na tranquilidade deste cantinho do nosso querido «Pim-Pam-Pum», que já sinto saudades do contacto com a tua alminha simples e repousante. Tenho continuado a receber cartinhas vossas, as quais guardo com carinho e agradeço de todo o coração.

Agora, uma pergunta: — Como passaram o Natal as minhas queridas Meninas Portuguesas! Divertiram-se? Tiveram o sapatinho recheado? Comeram guloseimas? Fizeram a árvore de Natal ou o tradicional e portuguêsíssimo Presépio? E... lembraram-se dos pobresinhos? Repartiram com eles a vossa alegria, o vosso conforto, a vossa Felicidade? Espero que sim, porque em

(Continua na página 6)

CONCURSOS RELÂMPAGO

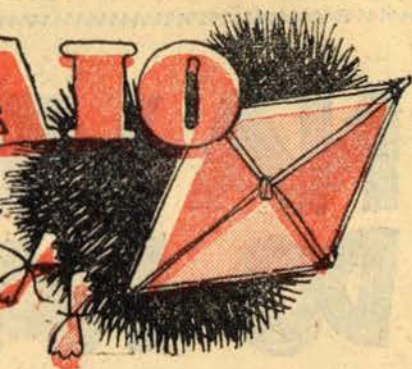
de POESIAS E CONTOS INFANTIS

O Júri destes concursos, deliberou conceder um terceiro prémio à poesia que hoje publicamos sob o título «Castigo injusto», da autoria de Filipe José Videira e duas menções honrosas aos contos, que também inserimos hoje, intitulados: — «O papagaio do Juca», de Zé Pedro e «Desobediência fatal», de Alberto Palhas.

Muitos outros contos, em prosa e verso, temos em nosso poder, cuja apreciação será feita oportunamente.

O PAPAGAIO DO JUCA

Por Zé Pedro



ERA bem lindo o papagaio do Juca! Com um metro de altura, as pontas das canas chegavam-lhe aos cabelos; e as três côres de que se compunha, até brilhavam ao longe,

quando o sol lhes batia. Fazia um vistão, pois era ainda mais bonito do que aquele do Joaquim, que era feito com uma fôlha de anúncios do «Diário de Notícias». Olá, se era! Nem se comparava! O Juca não se cansava de olhá-lo, embevecido nessas três côres que eram mesmo iguais às daquela bandeira que se debruça da varanda da escola, quando é feriado. Agora estava impaciente por vê-lo voar. O primo Augusto já dissera: — assim que vier uma brisa... Mas ela nunca mais chegava. Se o papagaio subisse com a impaciência do Juca, era capaz de ir até às estrelas... Mas não. O que era preciso era vento.

Até que, enfim, êle viera quebrar essa calmaria de verão. E, majestosamente, pela tardinha, tôda a gente viu um papagaio subir, subir, subir,

acima das chaminés, lá longe, no país das nuvens!

O Juca, radiante, segurava o cordel, e o primo, com um livro de leitura, debaixo do braço, afastara-se um pouco. De repente, sem que ninguém o visse, eis que aparece ali o «Carrico». O «Carrico» era mau e todos o temiam; até os da quarta classe! Nada, que êle tinha força! Por isso é que êle gritou ao Juca: — «Dá-me êsse papagaio, anda!» Então, o Juca, intimidado, recuou um passo. Depois, foi o seu amor ao papagaio que respondeu: — «Não!»

O «Carrico», pelos vistos, não gostou da resposta, porque ambos, um em cima do outro, rolaram pelas urtigas e cardos. Mas assim que viu o primo Augusto levantar-se, o «Carrico» deu às da vila-diogo. E o Juca, êsse, arranhado e ferido, com as mãos ensanguentadas, segura ainda entrê os dedos o cordel, já tinto de sangue, dêsse papagaio lindo que, daí a pouco,

de pois de ter caído na reiva do campo, tornou a elevar-se, mais brilhante e mais orgulhoso...

Passaram-se anos... O «Carrico» e o Juca são hoje dois bons amigos.



O primeiro compreende agora que nunca devemos abusar da nossa força, mas sim empregá-la sempre em defesa dos fracos e desprotegidos.

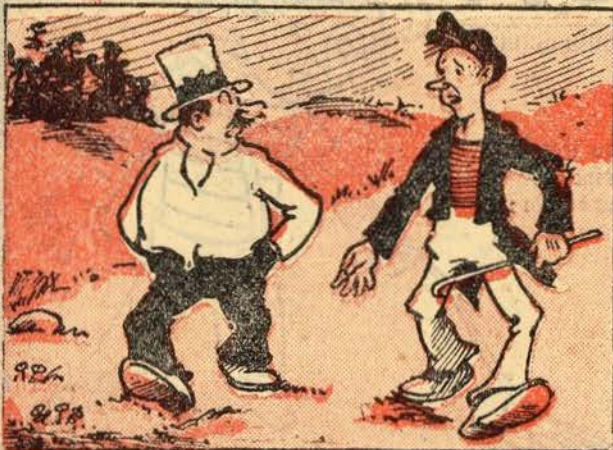
O Juca está um rapagão forte e sã-dito. Já foi às sortes e é soldado presentemente. Ama e respeita a Bandeira a que jurou obediência. E encontra-se disposto a defendê-la, se preciso fôr, com o mesmo ardor, a mesma bravura com que outrora defendeu o lindo papagaio de três côres...

Manuel Nunes da Fonseca — (Zé Pedro)



VIAGEM AOS PLANETAS

por TAVARES PINO



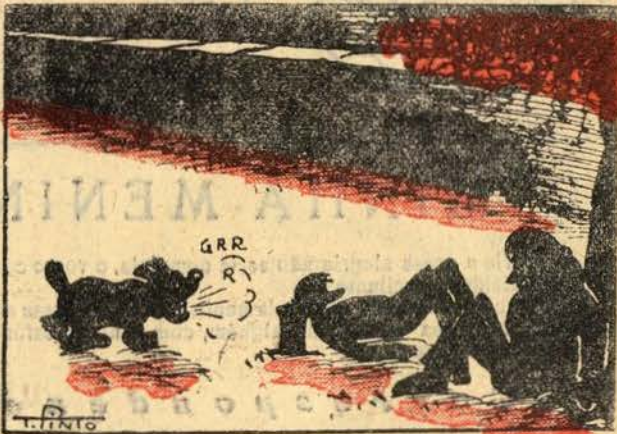
Princípio por dizer aos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum» os nomes destas duas personagens: «Papa-Tudo» e «Passa-Fome». Não julguem, porém, que o «Passa-Fome» é

esse magrizona de labita que aqui está. Não! «Passa-Fome» é esse gorducho a quem uma doença de estômago impede de saborear as delícias da mesa. Mas não é apenas este o



motivo de alguns jejuns. «Passa-Fome» e Papa-Tudo» estão desempregados. Sua pobreza é tanta que chegaram à última penúria. Eles aí vão, estrada fóra, sem terem que comer nem dormir.

Um as bonitas maçãs, dentro duma propriedade, atraem-nos. Eis uma acção bem feia: — roubar! Mas que fazer! A fome aperta... E resolvem assaltar a quinta. Ei-los saboreando os deliciosos frutos.



Nisto, a noite desce e resolvem, em vista de ninguém os incomodar, passar a noite ali mesmo. Entretanto, altas horas, dormiam os dois o sono dos

justos, quando uma sombra, misteriosa e ameaçadora, se aproximou... Que seria?...

(Continua na página 8)

CASTIGO INJUSTO

POR FILIPE JOSÉ VIDEIRA

UM menino que eu conheço,
Mal educado e travesso,
Quando, um dia, não alcança
O que deseja alcançar,
Tem por mau gosto e vingança
O seu gato maltratar.

E também do seu mau trato
Tão deshumano e ferino,
Fez o que faz qualquer gato:
— Agatanhou o menino.

O gato, não lhe faz mal
Mas é sempre o animal
Que paga a sua arrelia
E a sua infelicidade,
Se ao menino, acaso, um dia,
Não se lhe faz a vontade.

Houve um dia em que o gatinho,
Farto já desse daninho,



É sabido o resultado.
Ante o menino arranhado
E a fingida choradeira
Que se julgou natural,
Fez-se a justiça caseira
E sovou-se o animal.

Não seria mais sensato
Se, em vez de bater no gato,
Ao menino fôsse dito
Ser mais justo e mais bonito
Não maltratar o bichano?

Decerto era mais humano!



LÊ, MINHA MENINA... (Continuação da página 3)

caso contrário a vossa alegria não seria completa, o vosso conforto seria falso, a vossa Felicidade oscilante.

Para que nos sintamos absolutamente dignos da nossa situação de felizes, necessário se torna fazer feliz alguém, com o nosso esforço, a nossa consciência, o nosso coração.

Correspondência

Maria Josefina — Brevemente te ensinarei os versos que me pedes.

Edite — Não te esqueças do que te recomendei na última carta.

Muitas saudades.

Maria Luíza L. Simões — Torres Novas — Agradeço muito a tua carinhosa e as amáveis referências. Muito me alegra saber que os meus conselhos têm modificado o teu geniosito

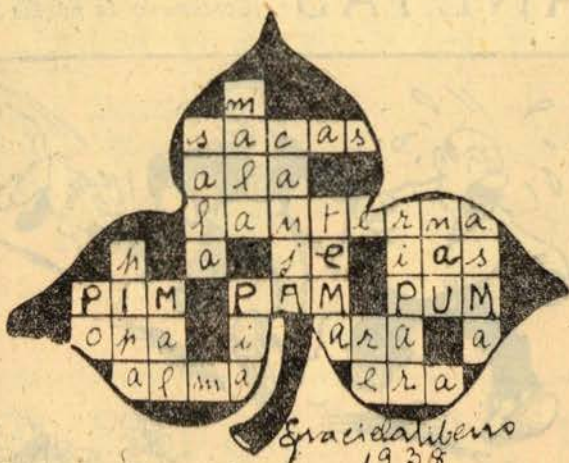
azêdo. Também lamento que estejas fóra de Lisboa, por causa do Curso de Dicção. Continuo sempre a receber inscrições e espero brevemente já poder apresentar algumas alunas a um microfone de Lisboa.

Saúdes

Vossa amiguinha

GRACIETTE

PALAVRAS CRUZADAS PASSATEMPO



Gracielano
1938

Solução do problema do número anterior

Substituir os pontos por letras de maneira a formar nomes masculinos.

..... N.
..... A.....
..... T.....
..... A.....
..... L.

Solução do passatempo anterior:

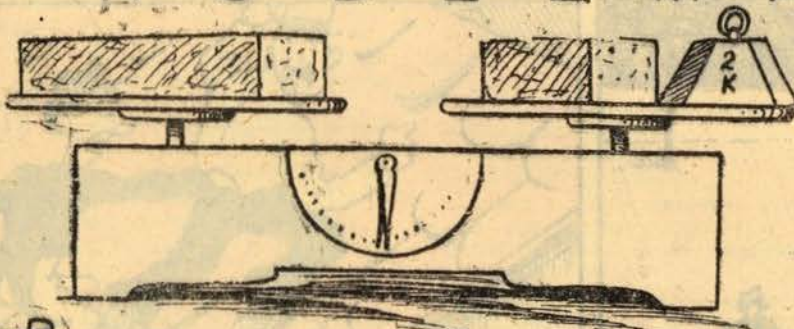
Berta, Rosa, Mariana, Rosária, Fernanda, Adelaide, Isaura, Otilia, Alda, Sarah, Fernanda, Eugénia, Luiza, Isaura, Zaritha, Anastácia, Noémia, Olinda.

ADIVINHA



Meus meninos: Vejam se encontram o dono deste cãozinho.

PROBLEMA

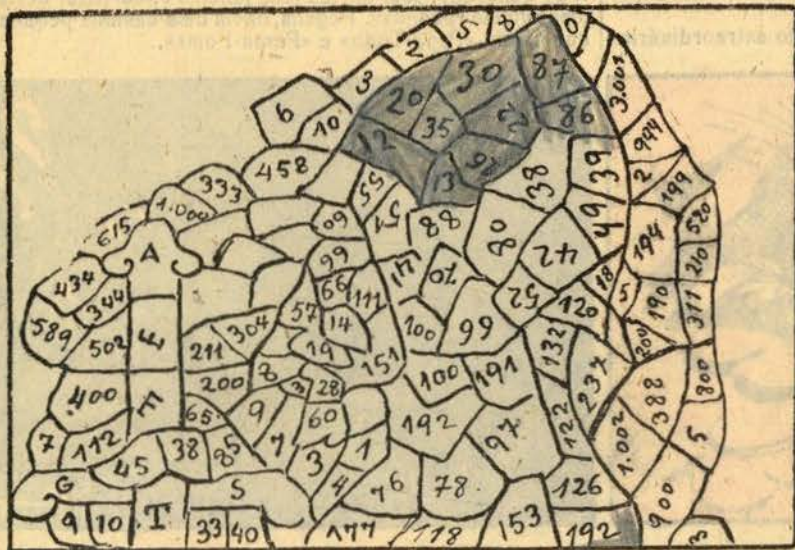


Esta balança tem, num dos pratos, uma barra de sabão, cujo peso desconhecemos e, na outra, meia barra e um peso de 2 quilos, ficando equilibrada. Quanto pesará a barra inteira?

PARA OS MENINOS

COLORIREM

ADIVINHA



Meus meninos: Desejam encontrar uma figura histórica neste desenho?.. Cubram os números compreendidos entre o 11 e o 193, com tinta preta e as letras a tinta encarnada.



Uma tricena

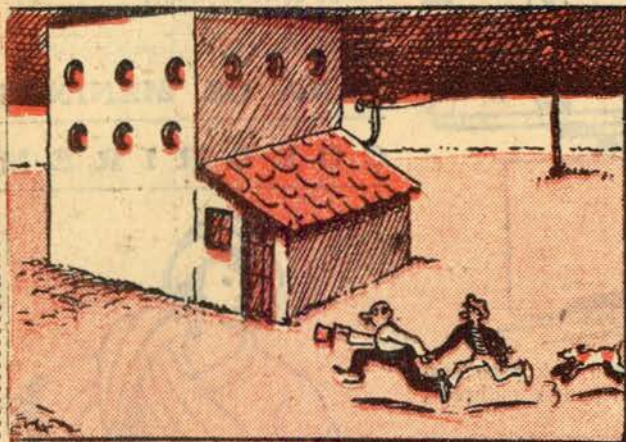
VIAGEM AOS PLANETAS (Continuado da página 5)



Deixamos os nossos heróis numa situação muito crítica, pois, afinal, a sombra era, nada mais, nada menos do que um cão, o guarda da quinta.



O rosar ameaçador da «fera» acordou os dois companheiros, que trataram imediatamente de se pôr a seguro. Mas a atrapalhão foi tanta, que, em vez de saltarem

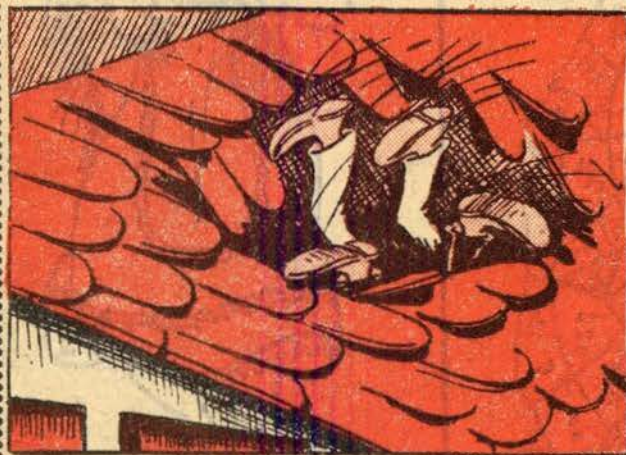


o muro, desataram a correr em direcção a uma casa que se lorigava ao longe.

Era, na verdade, um edifício de aspecto extraordinário:



todo quadrado, sem portas nem janelas e, em lugar destas, umas vigias redondas. Pegada, havia uma casinha pequena, que atraiu «Papa-Tudo» e «Passa-Fome».



Apressadamente bateram à porta desta, e, como ninguém a abrisse, deliberaram saltar para o telhado, para se verem livres das fúrias do cão. Mas o pior é que o telhado era fraco e não aguentou com aquele peso. Súbito, entre um



grande barulho, êle desabou, arrastando consigo os dois amigos, que se encontraram dentro daquela casa, envoltos em densa escuridão.

(Continua no próximo número)